



## AVENTURA

Rodolfo e Cláudia no "Ulisses": viagem deve prosseguir em cerca de 15 dias

Fotos: Guilherme Ternes

Argentinos viajam pelo mundo em veleiro

Casal faz pausa na Capital para reparar a embarcação, que foi danificada durante tempestade em alto mar

Celso Martins

Rodolfo e Cláudia deixaram o trapiche do iate clube de Tramandaí, no Rio Grande do Sul, em 16 de abril do ano passado, confiando na previsão de bom tempo dos serviços de meteorologia. Logo nas primeiras horas em alto mar, a bordo do veleiro oceânico "Ulisses" (modelo Frers 40), com 12 metros de comprimento e 3,5 de boca, começou a soprar o vento, seguindo-se um forte temporal. Cerca de 24 horas depois eles estavam a 400 quilômetros do ponto de partida e a 60 da costa, na altura do Cabo de Santa Marta, em Laguna.

"Assim que começou a tempestade nossa vela quebrou. Então liguei o motor, que funcionou algum tempo e pifou", conta o técnico e construtor naval Rodolfo Ulises Otero, 62 anos, natural de Buenos Aires, na Argentina. "Ficamos à deriva até que uma onda enorme nos fez capotar. O mastro não quebrou, mas entrou um pouco de água por uma escotilha e o leme travou", recorda o companheiro da fisioterapeuta Cláudia Cristina Rossello, nascida há 40 anos na capital argentina. Antes de conhecer Rodolfo, em 1993, ela nunca havia entrado num barco.

Com a capotagem ficou "impossível tentar qualquer manobra. Fechamos tudo e ficamos dentro do barco por cerca de quatro a cinco horas, não sabemos exatamente", recorda Cláudia, que não pretende desistir da viagem pelo mundo iniciada com Rodolfo no final do ano passado. "Tudo isso aconteceu à noite. Lá pelas tantas ocorreu a segunda capotagem. O barco ficou balançando com o mastro para baixo e a quilha para cima."

Quando o veleiro voltou à posição normal, Rodolfo sentiu que o mastro estava quebrado, batendo com violência no casco. Ele teve que realizar uma operação simples, mas arriscada, por causa dos ventos de 140 quilômetros por hora e as enormes ondas: liberar os cabos de aço que seguravam a parte do mastro partido. "A tempestade era na verdade um ciclone que começou no sábado, prosseguiu por todo o domingo e só foi acalmar na segunda-feira. Mais tarde soubemos que nessa ocasião morreram 12 pescadores de duas embarcações do Porto de Itajaí", assinala Cláudia.

Marinheiro acostumado a longas viagens, Rodolfo não se desesperou. Conseguiu improvisar uma antena e entrou em comunicação por rádio com o grupo Barriga Verde de radioamadorismo. Estes fizeram contato com a Marinha, que pediu ajuda a um navio-tanque da Petrobrás em trânsito na região. O casal ficou aguardando ansiosamente pelo socorro prometido.

"Para nossa surpresa, avistamos o barco de pesca Dom Geraldo 3, bem perto de nós, conduzido pelo pescador Dudu, também de Itajaí. Conversamos com ele e conseguimos que nos rebocasse com um cabo de aço até Imbituba, durante 15 horas", conta Rodolfo. Eles foram avistados por causa do carregador de bateria que, avariado, estava refletindo o sol, brilho que podia ser visto a grande distância.

Os dois aportaram em Imbituba no dia 22 de abril do ano passado, "no mesmo dia da chegada de Pedro Álvares Cabral ao Brasil em 1500. Eles chegaram em Porto Seguro, mas para nós o porto seguro foi Imbituba", salienta. Após alguns reparos naquela cidade, Rodolfo e Cláudia vieram para Florianópolis, onde aguardaram durante nove meses a chegada do novo mastro, encomendado na França. "Uma demora absurda, mas que não nos preocupa porque não temos pressa."

Em cerca de 15 dias eles vão prosseguir a viagem através da costa brasileira, "entrando de porto em porto, sem necessidade alguma de chegar antes ou depois, até o Caribe. Lá vão decidir entre atravessar o Atlântico ou cruzar o Canal do Panamá até o Pacífico. Os dois argentinos estão ancorados no late Clube Veleiros da Ilha, em Florianópolis, dividindo o tempo entre consertos e manutenção do veleiro e passeios pelas praias da Ilha e região.